

# **MACHADO DE ASSIS: OS PRIMEIROS PASSOS, O JORNALISMO POLÍTICO E A CENSURA TEATRAL**

**PAULO GUEDES\***

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro, vivia com seus pais, como agregados, na chácara que pertencia à família de Maria José de Mendonça Barroso Pereira, viúva do brigadeiro Bento Barroso Pereira, senador do Império, duas vezes ministro da Guerra e uma vez ministro da Marinha de D. Pedro I. A madrinha, Maria José, e o padrinho, Joaquim Alberto Silveira, funcionário do Paço Imperial, emprestaram os seus nomes ao afilhado. Nesse mesmo ano, nasceram Casimiro de Abreu (4/1), Floriano Peixoto (30/4) e Tobias Barreto (7/6). No ano seguinte, em 23/7, houve a proclamação da maioria do imperador Pedro II, aos quinze anos.

Em 1845, Maria, sua irmã de quatro anos, faleceu devido a uma epidemia de sarampo que assolou o Rio de Janeiro. Quatro anos depois, morreu sua mãe de tuberculose. Viúvo, o seu pai casou-se pela segunda vez, em 1854, com Maria Inês. Os três deixaram o morro do Livramento e passaram a residir em São Cristóvão, na rua São Luís Gonzaga. Quando do nascimento de Machado de Assis, o Rio de Janeiro contava com 138.000 habitantes. Em 1872, quando foi concluído o primeiro censo da população brasileira, o Rio contava 271.000 habitantes, dos quais 84.000 eram estrangeiros.

---

\* Doutorado em Sociologia Econômica e das Organizações pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), da Universidade Técnica de Lisboa. Atualmente é professor adjunto III, da UFBA, conselheiro do Instituto do Recôncavo de Tecnologia (Oscip) e diretor científico do Centro Internacional de Economia Pública, Social e Cooperativismo (Ciriec), Brasil. Participa como professor colaborador dos programas de pós-graduação em Administração e do curso de doutorado em Disseminação do Conhecimento, UFBA. <guedes.paulo@uol.com.br>.

Segundo Lúcia Miguel Pereira,<sup>1</sup> Maria Inês foi a primeira mestra de Machado de Assis. Depois, puseram-no numa escola pública situada na rua do Costa ou na rua do Piolho. Foi um autodidata, dominava, perfeitamente, o francês; estudou o alemão e, pouco antes de sua morte, começou a aprender o grego. Freqüentador assíduo das bibliotecas públicas, especialmente o Gabinete Português de Leitura, Machado lia um pouco de tudo, mas é conhecida a sua preferência pelos clássicos românticos franceses.

De acordo com Ubiratan Machado,<sup>2</sup> a primeira obra literária de Machado de Assis, publicada num jornal intitulado *Periódico dos Pobres*, na edição de 3 de outubro de 1854, foi um soneto dedicado à “Ilustríssima Senhora D.P.J.A”. Mas, para Jean-Michel Massa, coube a Francisco Gonçalves Braga, português da cidade de Braga, dirigir os primeiros passos de Machado na poesia. Segundo Massa, o seu primeiro poema, “A palmeira”, foi dedicado ao próprio Francisco Braga, publicado em 1855, na *Marmota Fluminense*, cujo proprietário e editor era Paula Brito. Machado freqüentava a livraria e tipografia de Paula Brito, trabalhando como caixeiro e revisor. Na mesma *Marmota Fluminense*, ele publicou o seu segundo poema, em 12 de janeiro de 1855, denominado “Ela”, editando nessa revista vinte e seis poemas, num espaço de vinte meses. Em 1856, Paula Brito encomendou-lhe o poema tradicional de aniversário, consagrado a D. Pedro II, demonstrando Machado, nessa ocasião, grande admiração pelo imperador.

Os primeiros lampiões a gás foram instalados no Rio em 1954, por iniciativa do barão de Mauá, inaugurando, no Brasil, o regime de concessões públicas. Em 1860, foi a vez da implementação do primeiro gasômetro, mas a luz elétrica só foi implantada em 1887. A primeira ferrovia brasileira — a Estação de Ferro D. Pedro II — tornou-se operacional em 1858, ligando a Estação Central a Queimados, com uma extensão aproximada de cinquenta quilômetros. Antes, em 1852, uma linha de telégrafo foi instalada entre o Paço de São Cristóvão e o Quartel-General do Exército.

Em 1859, após uma pequena passagem como revisor do *Correio Mercantil*, Machado de Assis ingressa no *Diário do Rio de Janeiro* a convi-

---

<sup>1</sup> Lúcia Miguel Pereira. *Machado de Assis — estudo crítico e bibliográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

<sup>2</sup> Ubiratan Machado. *Machado de Assis: o enigma do Cosme Velho*. <<http://www.academia.org.br/biogra3.htm>>; acesso em 6-11-2012.

te do amigo Quintino Bocaiúva, em março de 1860. Esse jornal tinha uma linha editorial marcadamente liberal, talvez partidária, que fazia contumaz campanha contra o Partido Conservador que se encontrava no poder. A ausência de contornos ideológicos claros por parte dos liberais e conservadores brasileiros fez com que a esposa de um de um dos seus personagens aconselhasse o marido a mudar de partido e apoiar os seus adversários políticos. “Você estava com ele como a gente está num baile, onde não é preciso ter as mesmas ideias para dançar as mesmas quadrilhas.”

Brito Broca<sup>3</sup> vê em Machado, nos seus primeiros anos de jornalismo, um decidido profissional engajado na corrente liberal. Engajamento que se traduzia ao explicitar o autor teses políticas liberais pela imprensa, sem exercer, contudo, militância partidária. Por exemplo, ele participa, ativamente, do enfrentamento de liberais e conservadores com relação ao tema do controle inflacionário, ao apoiar posições assumidas pelos liberais, do Gabinete Marquês de Olinda, de estimular os negócios mediante expansão do meio circulante, passando o Banco do Brasil e seis outros bancos a emitirem moeda, como forma de ofertar mais créditos.

Igualmente a Brito Boca, Lúcia Miguel Pereira assinala que, entre os 25 e 26 anos, foi Machado de Assis um jornalista político destemido e agressivo. Do conselheiro Pena, designado para uma missão diplomática, fuzilava: “pertence à parte medíocre do Senado, onde tem mostrado que é um dos poucos capazes de desbancar o Sr. Ministro, e tirar-lhe as honras da vulgaridade”. Também de maneira enérgica, ele toma posição anti-imperialista ao denunciar a invasão do México pelos franceses.

Cumpre salientar que, no Império, houve uma significativa liberdade de imprensa; contudo, grande parte dos jornais era vinculada ao governo e aos partidos políticos, constituindo-se num canal alternativo ao parlamento. Não era de estranhar que um número representativo de jornalistas também fosse de políticos e de administradores públicos. Não exclusivamente, os jornalistas possuíam dupla militância profissional, pois um estudo realizado por L. A. Machado Neto, citado por Murilo de Carvalho,<sup>4</sup> mostrou que sessenta intelectuais que viveram entre 1870 e 1930 eram funcionários públicos, inclusive os filhos de famílias ricas.

---

<sup>3</sup> José Brito Broca. *Machado de Assis e a política e outros estudos*. Rio de Janeiro: Simões, 1957.

<sup>4</sup> José Murilo Carvalho. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Pode-se dizer que Machado tinha da imprensa um conceito de progresso, liberdade e igualdade. Ele via, no jornalismo, uma missão libertadora, um sintoma da democracia. “O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções”.

Em 1997, foi conferido a Machado de Assis o título de “Patrono da Imprensa Nacional”, por decreto de 13 de janeiro.

Na livraria de Paula Brito, funcionava a Sociedade Petalógica (de peta = mentira) onde políticos, jornalistas e escritores debatiam sobre assuntos variados, de forma irreverente. Machado participava, ativamente, dos saraus dessa Sociedade, iniciando, então, uma convivência duradoura com intelectuais da estatura de Salvador de Mendonça, Manuel Antônio de Almeida, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo.

Astrojildo Pereira ao se reportar a Machado de Assis menciona que “o Brasil e o escritor em formação crescem juntos e juntos caminham para a idade viril”. Machado de Assis vive dos trinta aos quarenta anos em intensa atividade na imprensa, no teatro, na poesia, na crítica, na ficção. Segundo informe de Trigo,<sup>5</sup> o Rio de Janeiro contava, em 1850, com 27 jornais, um deles escrito em inglês. Durante o Segundo Reinado, foi editado, em francês, um número significativo de jornais, especialmente o *Courrier du Brésil*, fundado por Adolphe Hubert, e publicado a partir de 7 de outubro de 1854. Eventualmente, o *Diário de Notícias* imprimia uma edição conjunta em inglês, francês e português. Era certo que o debate intelectual acontecia nos cafés, nas livrarias da rua do Ouvidor e nas redações dos jornais.

No Rio de Janeiro oitocentista, o teatro era a principal atividade de cultura e lazer da elite fluminense. Entre 1860 e 1867, Machado traduziu sete peças teatrais. De acordo com Lúcia Pereira, a não ser o *Suplício de uma mulher*, cujos originais estão na Academia de Letras e o romance *Os trabalhadores do mar*, publicado no *Diário do Rio*, todas as outras traduções se perderam.

As críticas teatrais estavam reunidas no *Correio Mercantil*, na coluna “Páginas menores”. Informa Massa que Machado foi convidado a assinar

---

<sup>5</sup> Luciano Trigo. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

uma coluna particular sobre crítica teatral no jornal *O Espelho*. Exceto no primeiro número, Machado de Assis publicou, em todas as outras edições de *O Espelho*, sua coluna “Revista de teatros”. Foram dezoito crônicas regulares acrescidas de alguns artigos gerais sobre teatro. Em *O Espelho*, conforme explicita Pedro Costa, era a primeira vez que se fazia, metodicamente, crítica teatral no Brasil. Machado realizava-a com bom humor, dirigindo-se, na maioria das vezes, ao público feminino. Na série “Ideias sobre o teatro”, ele estabeleceu a relação entre a escassez de ideias no teatro e a rotina, a monotonia e a falta de criatividade própria do funcionamento de órgãos públicos. “[. . .] a ideia desapareceu do teatro e ele reduziu-se ao simples foro de uma secretaria de Estado. Desceu para lá o Oficial com todos os seus ativos: a pêndula marcou a hora de trabalho, e o talento prendeu-se no monótono emprego de copiar as formas comuns, cediças e fatigantes de um aviso sobre a regularidade da limpeza pública”. Outrossim, ele registrava o caráter emancipador do teatro quando afirmava que no país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento conveniente “[. . .] as caligens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; as castas superiores da sociedade, ou rasgarão os seus pergaminhos, ou cairão abraçadas com eles, como em sudários”. Mas, seguindo o pensamento de Pedro Costa, Machado considerava o teatro superior, como meio de educação, ao jornal e à tribuna política. “[. . .] em face do teatro o homem vê, sente, palpa; está diante de uma sociedade viva, que se move, que se levanta, que fala, e de cujo composto se deduz a verdade — que as massas colhem por meio de iniciação”.

Porém, em artigo editado em *O Novo Mundo*, de 24-3-1873, sobre “Literatura brasileira — instinto de nacionalidade”, Machado via o teatro brasileiro de forma bastante negativa, estendendo o mesmo valor ao espectador das casas teatrais.

[. . .] Esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência. Não há atualmente teatro brasileiro; nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa. As cenas teatrais deste país viveram de traduções, o quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto público tocou o último grão da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para comprar obras severas de arte. Quem as receberia, se o que domina é a cena burlesca ou obscena, o cancan, a

mágica aparatosa, tudo o que falta aos sentidos e aos instintos inferiores?

O Conservatório Dramático era a instituição do Império responsável pela censura das peças teatrais, apesar de seus fundadores pretenderem direcioná-lo como agência formadora e propagadora do bom gosto estético, como indicavam seus artigos orgânicos aprovados em 24 de abril de 1843. Apesar de não ter sido considerado um órgão oficial, suas decisões tomadas pela maioria de votos dos censores tinham força de lei.

Na revista *O Espelho*, de 25 de dezembro de 1859, um artigo escrito por Machado de Assis, aos vinte anos de idade, defendia o papel policial de censura teatral a que estava acometido o Conservatório. Dizia ele: dois são os fins desta instituição: o moral e o intelectual. O primeiro liga-se à correção das feições menos decentes das concepções dramáticas, enquanto o segundo decidia sobre o mérito literário dessas mesmas concepções. Conclui ele que o Conservatório é mais que útil: é necessário. “A crítica oficial, tribunal de apelação, garantido pelo governo, sustentado pela opinião pública, é a mais fecunda das críticas, quando pautada pela razão, e despida das estratégias surdas.”

Em 3 de janeiro de 1862, Machado foi admitido como membro do Conservatório Dramático Brasileiro, juntando-se aos outros vinte censores de peças teatrais. Tratava-se de uma função pública não remunerada que, em compensação, permitia-lhe o acesso livre aos teatros. A indicação para que Machado elaborasse parecer sobre determinada obra teatral partia do Conselheiro Presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, em virtude da atribuição a ele conferida pelo imperial decreto de 19 de julho de 1845. O parecer deveria ser exarado de acordo com as disposições contidas na resolução imperial de 26 de agosto de 1845. Pela norma, não deveria aparecer na cena assuntos, nem expressões menos conformes com o decoro, os costumes e as atenções que em todas as ocasiões se devem guardar, maiormente naquelas em que a Imperial família honrasse com a sua presença o espetáculo (aviso de 10-11-1843). O julgamento do Conservatório tornava-se obrigatório quando as obras censuradas pecassem “contra a veneração à nossa Santa Religião, contra o respeito aos poderes políticos da nação e às autoridades constituídas, e contra a guarda da moral e decência pública”. Nos casos, porém, em que as obras pecassem contra a “castidade da língua”, devia-se notar os defeitos, mas não negar a licença.

Em documento localizado no setor de manuscritos da Biblioteca Nacional (cofre 49, 07, 17), foi possível verificar quinze pareceres exarados por Machado de Assis, sendo dez favoráveis, quatro indeferidos e um com alteração a ser processada.

José Luís Jobim<sup>7</sup> anota que os pareceres machadianos possuem preocupações estéticas subsidiárias, assumindo, como maior expressão, o julgamento moral dos conteúdos das peças. A visão moralizadora de Machado para o teatro, segundo Jobim, está de acordo com a escola realista francesa, que vê o teatro como forma de disseminar valores burgueses oitocentistas. Do outro ponto de vista, no que tange à função estética do Conservatório, Machado acreditava na possibilidade de interferir na formação de dramaturgos, por meio dos pareceres.

---

<sup>6</sup> José Luís Jobim (org). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

